



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE ARMAS

EVENTO: Audiência Pública	Nº: 0716/05	DATA: 1/6/2005
INÍCIO: 14h50min	TÉRMINO: 16h36min	DURAÇÃO: 01h46min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h46min	PÁGINAS: 46	QUARTOS: 21

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

Rodolfo Waldeck Penco Monteiro – Coordenador do Departamento de Inteligência da Polícia do Estado do Rio de Janeiro

Walter dos Santos Paraíso – Tenente-Coronel do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro

SUMÁRIO: Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Há falha na gravação. Texto *ipsis verbis*.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Havendo número regimental, damos início a 23^a reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, destinada a investigar as organizações criminosas do tráfico de armas.

Convidamos o Dr. Rodolfo Waldeck Penco Monteiro, Coordenador do Departamento de Inteligência da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. Desde já agradecemos a presença ao Dr. Monteiro e o atendimento ao convite que nós fizemos para colaborar com as ações desta CPI. (Pausa)

Obrigado.

Tem V.Sa. a palavra por 20 minutos. Só peço que aperte aí para acender a luzinha vermelha, porque tudo está sendo gravado. Tem por 20 minutos a palavra V.Sa. E a nossa curiosidade é justamente sobre como está o Rio de Janeiro nesta questão do tráfico de armas. Tem V.Sa. a palavra.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Deputado Moroni Torgan, Srs. Deputados membros integrantes da CPI, boa-tarde.

Inicialmente, eu gostaria de ressaltar a importância da instalação da CPI. Estou certo de que ela não só irá diagnosticar essa questão tão relevante, que é o tráfico de armas, como trazer também soluções para o seu combate e sobretudo minimizar a violência nos grandes centros urbanos.

Estou convencido, Sr. Presidente, de que todas as instituições estão trabalhando no sentido de minimizar essa violência, sobretudo as Polícias do Estado do Rio de Janeiro. E temos mostrado no Rio Janeiro bons resultados. Tivemos grandes apreensões. No ano passado, quando trabalhava numa atividade-fim, numa delegacia na POLINTER, fiz uma grande apreensão de granadas. No ano de 2002, também na atividade-fim, apreendemos 11 fuzis num paiol, numa comunidade do Quitungo, logo após uma chacina. Fizemos outra apreensão muito grande no Complexo da Maré. Então, nós temos tendo tido muitos resultados, e a Polícia vem se empenhando nesse sentido.

É notória a violência nos grandes centros urbanos, e no Estado do Rio de Janeiro ela é real e preocupante, mas não é raro também essa violência ser potencializada pela mídia.

Bom, vou fazer um breve relato sobre narcotraficantes e tráfico, que, no meu entendimento, é o que traz à população a pior sensação de insegurança. Quer dizer, o tráfico de entorpecentes, a sua violência e o seu poderio com a utilização dessas



armas é que trazem a maior sensação de insegurança. Isso me traz um misto de revolta e de certo desânimo no tocante ao cidadão. Por outro lado, uma força muito grande para podermos trabalhar e evitar a chegada dessas armas.

Estamos lá, no Rio de Janeiro, trabalhando na ponta, fazendo essas apreensões. E, como eu disse, as outras instituições também estão trabalhando, estão fazendo apreensões, evitando que essas armas cheguem ao Rio de Janeiro.

Um breve relato. Nos anos 70, nós tínhamos revólveres, pistolas. Nos anos 80, nós tínhamos escopetas, submetralhadoras. Nos anos 90, nós tivemos os fuzis. E agora estamos percebendo a utilização muito grande de granadas e lança-rojão. Então, estamos percebendo que está tendo uma evolução. E, por outro lado dessa evolução, percebemos também que há certa dificuldade de essas armas chegarem ao Rio Janeiro, essas armas contrabandeadas, porque o cenário internacional é outro. Vários países estão atualizando suas legislações. A ação da Polícia no âmbito nacional tem melhorado e, com isso, impedido a chegada. E as ações pontuais no Rio de Janeiro.

Isso tudo tem contribuído para que os traficantes e os narcotraficantes busquem nas forças policiais e nas Forças Armadas as suas necessidades, porque diariamente há confronto entre eles e há confronto com as Polícias. Logo, eles precisam repor seu armamento e munição. Então, há uma evolução até mesmo do fuzil. Eu posso lhe afiançar que havia certa preferência por determinado fuzil e hoje há pelo FAO, por conta de ter acesso às munições, por ter mais quantidades de armas disponíveis e aí das forças policiais e das Forças Armadas.

Sou coordenador da atividade de Inteligência da Polícia Civil. E todo o conhecimento produzido pela atividade de Inteligência é difundido para as delegacias da ponta. E aqui esteve um delegado de Polícia, o Dr. Oliveira, que é um dos responsáveis pelo combate direto dessa questão do tráfico de armas e rastreamento. Nós o auxiliamos no rastreamento.

Vou tentar evitar as estatísticas, sendo impossível praticamente. Eu apenas queria trazer um... (*falha na gravação*) E verificamos que o rastreamento dessas armas indicam que 2 empresas no Paraguai compraram esses armamentos e que cerca de 80% chegam ao Rio de Janeiro. Quer dizer, nós chegamos pelo rastreamento e esbarramos nessa situação dessas empresas e não conseguimos mais progredir. É certo que o Paraguai atualizou a sua legislação. E esperamos que



isso possa facilitar o rastreamento e, enfim, chegarmos a uma condição que esclareça efetivamente quem está fazendo o tráfico. Nós temos tido algumas dificuldades, porque boa parte dos nossos fuzis contrabandeados são do período entre 90 e 97, e dessas empresas. Então, conseguimos rastrear até essas empresas e não conseguimos mais progredir. Isso dificulta naturalmente o resultado final.

Sr. Presidente, disse que nós estamos tendo lá bons resultados. E vou citar apenas um resultado meu, à frente da direção da POLINTER, quando conseguimos, na favela Senador Camará, apreender 161 granadas e 8 minas terrestres. No rastreamento dessas minas, chegamos às Forças Armadas, e ela está investigando, para esclarecer como é que foi desviado.

Com relação às minas, eram minas belgas, adquiridas por uma empresa francesa, e nós não conseguimos. Agora, é certo que numa unidade das Forças Armadas havia lotes semelhantes. E também apreendemos um fuzil Colt, que foi comprado nos Estados Unidos por um brasileiro. E estamos rastreando nesse sentido, para esclarecer isso melhor.

Como eu disse, as granadas são hoje uma questão a mais na violência. Estamos percebendo que, nos últimos anos, nós apreendemos uma boa quantidade de granadas estrangeiras, a maioria delas argentinas. Elas foram produzidas no período da Guerra das Malvinas, chegaram ao Brasil e suas espoletas foram revitalizadas. E agora, nesse último ano, a tendência é que as granadas estrangeiras estejam diminuindo e estejam buscando esse artefato exclusivo dentro das forças policiais,

No caso das granadas GL e no caso das M3 nas Forças Armadas. E, quando não conseguem, estão fazendo também granadas artesanais para suprir a sua necessidade. E aí tem um grande perigo, porque quem faz artesanalmente isso naturalmente tem uma qualificação. Normalmente essas pessoas conseguem essa qualificação nas Forças Armadas. Quer dizer, eles estão recrutado, dentro das Forças, pessoas que têm esse conhecimento.

É importante também ressaltar que nós estamos tendo muitas granadas e armas argentinas. E a ONG Viva Rio, junto com a Polícia Civil, na divisão do DFAE, já verificou que nós temos mais de 3 mil armas argentinas. E detalhe: uma das fábricas dessas armas têm uma representação num país vizinho, numa daquelas empresas em que nós temos sempre esbarrado.



É importante também estabelecermos aqui as rotas. E o Rio, pela sua malha rodoviária e pela sua posição geográfica, favorece naturalmente o tráfico. Agora, com relação às rotas marítimas e aéreas, nós apenas temos informes. O que temos de concreto é que a principal via de acesso ao Rio é a Via Dutra, a principal entrada de armas e drogas. Claro que, ao longo dessa via, a Polícia Rodoviária tem feito apreensões, a Polícia Federal, a Polícia Civil e a própria PM. Então, nós estamos intensificando todo esse trabalho.

Agora, para se ter um resultado é preciso ter informação. E essa informação a gente tenta buscar através da tecnologia ou de uma fonte viva. A gente tenta sempre trabalhar, a atividade de inteligência busca sempre esse conhecimento.

Preocupa-me também essa questão do lança-rojão. E nós fizemos no Rio de Janeiro algumas apreensões. E armas em condições de uso. Isso assusta. E essas armas são oriundas dos Estados Unidos. E são armas que destroem um carro. Se entrarem numa favela com um fuzil, dando um tiro em cima de uma guarnição policial, assusta; eu fico imaginando um lança-rojão. Vai desestabilizar qualquer operação.

Conforme o nosso rastreamento, posso sinalizar algumas rotas, em especial a do Paraguai, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro. E assim vão alterando as rotas. Mas são normalmente pela malha rodoviária.

Posso lhe afiançar que hoje um dos principais traficantes também traz armamento, é um grande traficante de armas, o Robinho Pinga. Onde nós fizemos apreensão das granadas era reduto dessa facção. Então, a atividade de Inteligência vem se empenhando em localizá-lo e prendê-lo e desbaratar toda essa facção, mesmo porque ele é um dos poucos líderes hoje soltos no Rio de Janeiro.

Falei do cenário internacional. O Paraguai está aprimorando a sua legislação. O próprio Brasil, as nossas empresas, a Taurus e a Rossi, hoje evitam vender para o Paraguai. Isso tem minimizado nossos problemas. Mas as forças policiais têm trabalhado muito no sentido de minimizar a entrada desse armamento.

Agora, o caminho natural, e a gente tem percebido, uma vez que há uma certa escassez, há uma procura nas forças policiais e nas Forças Armadas. Isso aí é preciso naturalmente um acompanhamento melhor. Sr. Presidente, apenas para finalizar, como eu disse, eu espero que a CPI possa trazer soluções. E eu aqui trouxe algumas sugestões, se fosse permitido, uma coisa que me parece que



poderia facilitar a investigação seria a inversão do ônus da prova no tocante aos bens do traficante. Nós já temos aí na nossa legislação uma experiência disso. E faz me lembrar uma coisa de alguns meses atrás. O prédio da família do Fernandinho Beira-Mar foi assaltado, e começaram a assaltar. Chegaram na cobertura e verificaram que era a irmã, tomaram um cafezinho, pediram desculpas e foram embora. Então, pelo histórico da família, uma cobertura valendo tantos milhões, me parece assim muito lógico o desenvolvimento daquela família. Então, eu penso que Fernandinho Beira-Mar poderia ficar preso em qualquer lugar do Brasil, desde que ele ficasse pobre, como a maioria. Então, eu acho que ele deveria sim. Tudo é do Estado, e ele tem que provar que aquele bem foi adquirido legalmente. Tem uma outra sugestão que seria restabelecer para autoridade policial a busca e apreensão. Eu acho que a autoridade policial hoje, as polícias judiciárias estão maduras pra utilizar essa ferramenta. Daria uma dinâmica que precisamos.

Falei da principal rota do Rio de Janeiro, que é a Via Dutra. Penso também que poderiam ser instaladas barreiras eletrônicas, isso pode servir para as nossas fronteiras, poderiam ser instaladas possivelmente nos pedágios. Enfim, criarmos barreiras eletrônicas. Eu outro dia vi uma reportagem do México para os Estados Unidos, um caminhão passando por um Raio X. É caro, é possível que seja muito caro. Mas a contrapartida disso talvez fosse muito importante.

Uma outra questão também interessante e atinge especialmente o Rio de Janeiro, embora a Polícia do Rio de Janeiro esteja muito bem armada. Mas nós carecemos, e eu acho que precisamos, na verdade, fazer frente e com uma certa demonstração de superioridade. Logo, penso que deveria o armamento apreendido ser reutilizado pelas Polícias, uma vez que ele tenha bom estado de conservação e tenha a Polícia o calibre daquela arma apreendida. Acho que deveria ser incorporado ao patrimônio da Polícia, com o devido controle, como qualquer bem patrimonial.

Penso também que temos que implementar certo controle das munições e artefatos explosivos, código de barra, mas gravado no estojo ou no seu corpo, porque a gente percebe que num rastreamento bastou raspar a tinta da granada, e aí fica todo um trabalho de rastreamento prejudicado. Então, deveria ter alguma coisa que pudesse gravar um estojo pra que possa facilitar até o rastreamento.



E aperfeiçoar naturalmente os controles, a fiscalização sobretudo nas instruções de tiro. E normalmente os desvios têm acontecido. Se nós formos a qualquer unidade agora que tenha um paiol, um controle do armamento, vai estar perfeito. Matematicamente perfeito. Naturalmente as instruções de tiro servem para fazer os ajustes, e aí os desvios. Então, acho que deveria ter um controle maior nas instruções de tiro, um controle dessas munições. Dou um exemplo. Nos anos 90, os nossos narcotraficantes usavam um AK-47, 7.62, curto. E, hoje, eles usam pouco esse armamento, porque não possuem munição. E hoje vocês vão ter o depoimento do Coronel do Bombeiro, que foi preso trazendo 7.62 curto. Quer dizer, há uma deficiência, há uma carência dessa munição. Por isso, eles deixaram de utilizar aquele tipo de fuzil.

Acho que deveríamos ter um implemento maior do SINARM, por parte dos Estados, precisam de uma participação mais efetiva. E uma criação de um Centro Nacional de Rastreamento, que poderia ficar bem na Polícia Federal, onde ali tivessem centralizadas todas as informações de rastreamento pra dar uma dinâmica, uma troca e, claro, fortalecer a atividade de inteligência nessa troca, que o Brasil precisa dessa capilaridade. O Brasil hoje ficou pequeno, sobretudo para os narcotraficantes.

E, por último, Presidente, tentarmos qualificar sempre, remunerar melhor e fiscalizar sempre os integrantes das forças policiais e das Forças Armadas. É a minha contribuição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Pois não, Dr. Rodolfo. Eu agradeço. Várias sugestões. Já temos projetos de lei nesse sentido, inclusive na inversão do ônus da prova, justamente para o confisco de bens de traficantes. Isso já está em trâmite aí no Congresso nesse sentido. Todas as outras sugestões estão gravadas. Eu tenho certeza de que o Relator depois vai analisar tudo. Mas eu me preocupo com algumas coisas. Quais são as empresas do Paraguai que mais estão vendendo armas pra traficante do Rio, segundo o rastreamento?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – As armas que nós tínhamos, as armas contrabandeadas no período de... Essas armas contrabandeadas que estão hoje nos morros do Rio de Janeiro, normalmente elas são do período de 90 e 97, fabricadas entre 90 e 97, que foram vendidas pelas



empresas Perfecta Sami e Agrícola San Felipe. Quer dizer, então, toda vez que nós rastreamos, chegamos a essas empresas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Perfecta?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Sami e Agrícola San Felipe. E 80% das armas contrabandeadas do Rio são dessas empresas. Foram vendidas. Quer dizer, na verdade, essas armas foram vendidas legalmente para o Paraguai e contrabandeadas para o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Então, essas duas é que monopolizaram a maior parte e armas de grosso calibre, é isso?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – É, fuzil; especialmente fuzil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Vocês não descobriram quem são os donos dessas empresas?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Olha, por mais que nós tentássemos, nós não conseguimos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Nós vamos ter que descobrir. Viu, Deputada Laura Carneiro, disse que essas duas empresas no Paraguai são as que mais vendem armas para os traficantes do Rio. Perfecta Sami e Agrícola San Felipe. E armas de grosso calibre.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – E as firmas têm sede em Assunção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Têm sede em Assunção, não é em Pedro Juan?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Interessante. Mas isso a gente descobre fácil. Não descobre, no Parlatino?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Descobre. Eu mando ver.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Que outras empresas do Paraguai nós teríamos também?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não tenho esse dado. Repito: 80% dessas armas contrabandeadas que estão hoje no Rio de Janeiro são dessas empresas.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Oitenta por cento são dessas empresas, quer dizer, é um negócio que vai dar em cima. Quer dizer, 80% das armas do Rio de Janeiro são dessas duas empresas. É uma loucura isso. Quer dizer, então, tem que ter um esquema aí muito grande.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO - Posso fazer um aparte?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Claro.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Se 80% das armas são dessas duas empresas, qual foi o tipo de... Bom, pra vocês terem verificado isso, vocês devem ter milhares de indícios, porque você está dando um número de 80%, concorda? E aí? Vocês e a Polícia do Rio não se movimentaram, não foram à Polícia Federal? Não pediram à Interpol pra falar com...?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Nós fizemos isso, e estamos fazendo isso, só que não tivemos até hoje resposta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Vocês tinham algum documento enviado à Interpol pra...

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Temos, temos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Velha burocracia.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, mas tem que ter um documento para a Interpol, para o Paraguai.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Não, mas estou dizendo que a velha burocracia é que emperra a investigação.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – É, mas vocês têm isso?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Tem, tem.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Então, o senhor podia fornecer, por favor?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Certamente. Passarei depois.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Porque aí a gente cobra de outra maneira, né, Deputado Moroni?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – É verdade.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Seria interessante.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Mas é, é um dado concreto.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Um dado de 80%, o senhor está entendendo, Relator, é um número. Pra você fazer uma estatística dessa, eles devem ter tido...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) - Das armas apreendidas, 80%.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Contrabandeadas, apreendidas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não. Apreendidas, contrabandeadas. Ele está dizendo o seguinte: oitenta por cento das armas do Rio são de lá.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – São dessas duas. Nós temos que saber quem são os donos dessas empresas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, mas isso eles já devem saber, né?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – É capaz de chegar aos brasileiros.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não, senhora, não sabemos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Não, ele acabou de dizer que não sabe de nada.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – A Polícia... Esbarramos sempre com a dificuldade. Foi já solicitado, e até hoje nós não recebemos a resposta.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas foi solicitado via Interpol?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Vários canais, inclusive, salvo engano, a Interpol também.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Isso é terrível.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas o que estou estranhando é porque, via Interpol, é quase que imediato esse tipo de informação. Pelo menos de quem é. Bom, tudo bem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Mas não interessa. Foi solicitado, não veio, agora nós vamos atrás.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Se a gente tiver a documentação da solicitação é mais fácil.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Mas ele envia posteriormente.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Certamente vou enviar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Ele aponta e outros delegados apontaram o Robinho Pinga como sendo um dos principais traficantes hoje de armas e de drogas no Rio. Dizem, inclusive chegaram informações de que esse Tenente-Coronel que está preso seria também alguém que trabalharia pra ele. Tem alguma confirmação disso?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não, inclusive nós não tínhamos nenhum informe a respeito desse militar específico, embora tivéssemos o informe de militar a serviço dessa facção do Robinho Pinga.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Tinha militar a serviço da facção?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Mas, é, e não especificamente com relação a esse militar preso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Especificamente?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Especificamente a ele nada tínhamos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Nada tinham nesse sentido.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Uma pergunta, por gentileza.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Pois não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Não sei se foi desatenção minha, mas essas empresas vendem armamento nacional, brasileiro?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não mais, porque o Brasil deixou de vender.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Eu sei.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Mas o fato é que elas compravam legalmente de outros países e contrabandeavam para o Brasil, e chegavam no Rio de Janeiro.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Perfeito. O que eu pergunto é o seguinte: atualmente essas empresas estão comercializando armas e munições de fabricação nacional?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Não sei lhe informar, não sei lhe informar.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Mas tu achas que continuam comercializando armas?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Pelo menos no passado, porque as armas que nós temos lá, elas entraram no morro provavelmente algum tempo atrás, nesse período que ele estava tendo um comércio, havia uma facilidade. Na verdade é que hoje há um cenário diferente. E essa arma não está chegando como chegava. Por isso, a necessidade de se buscar nas forças.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O que eu pergunto é o seguinte: essa armas, nós temos uma suposição de que muitas delas fazem uma operação triangular. Saem do Brasil, são exportadas legalmente e posteriormente esses países vendem essas armas para o Paraguai e que, por sua vez, têm a sua entrada facilitada no Brasil. Por isso, a pergunta. Agora, das armas que têm sido apreendidas mais recentemente, o senhor destacaria qual procedência?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Nós apreendemos, a cada 3 dias, 2 fuzis. Só no ano passado foram duzentos e setenta e poucos fuzis. Quer dizer, então, em 3 dias, prendemos 2 fuzis.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fuzis de fabricação?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – E hoje, mais Fao, em razão da IMBEL brasileira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Vocês apreendem armas?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Hoje, os nossos traficantes utilizam mais o Fao e utilizam mais o HK.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Ok. Eu pergunto o seguinte: segundo, então, o que senhor está nos informando, boa parte das armas apreendidas são armas de fabricação nacional. Correto?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – É. Há uma tendência nesse sentido.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Apreendida uma arma de fabricação nacional, qual é o procedimento adotado no sentido de identificar o caminho percorrido por essa arma até ela chegar na mão do traficante?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Bom, a atividade de Inteligência procede a todo o rastreamento e encaminha naturalmente para a delegacia e abre um procedimento de polícia judiciária. E, quando se esbarra com um desvio das Forças Armadas, naturalmente toda documentação é encaminhada, e lá eles procedem à investigação. O exemplo disso são as próprias granadas.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Certo. O FAO apreendido, o processo de identificação que possibilita o rastreamento é um processo que a Polícia tem conseguido realizar?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - A Polícia tem suas limitações. Quando identificamos esse FAO, e ele é de tal Força, encaminhamos para que ela possa, enfim, chegar ao responsável de fato. Às vezes, temos conhecimento quando já está na auditoria militar, com um resultado mais efetivo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas a identificação do FAO se dá somente através da numeração?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - É feito um rastreamento. Não sou um grande especialista. Coordeno, naturalmente meu órgão tem uma carteira e na Subsecretaria de Inteligência tem uma carteira que pode ser referência nacional. Desde muito, 98 praticamente, ela vem fazendo esse trabalho de rastreamento. Então, a atividade de Inteligência colabora nesse sentido, fazer o máximo e difundir esse conhecimento para a ponta, para que, ali sim, seja materializada toda a investigação e punido o responsável.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Segundo o senhor nos informa, 80% das armas das mãos dos traficantes do Rio de Janeiro têm origem no Paraguai. É isso?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - É, especialmente dessas duas empresas...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Que tipo de armas são..., a pistola é de que procedência?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - Nós temos diversas procedências, Colt, enfim, diversas, porque normalmente essas empresas compram



legalmente. E aí está aberto todo tipo de armamento, não só fuzil. Falei fuzil, mas têm pistolas, têm vários tipos de armamento.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Foi-nos apresentado aqui um trabalho realizado, onde foi feita uma análise das armas apreendidas no Rio de Janeiro de 1998 até 2003, trabalho esse que teve origem, inclusive, na época que o Josias Quintal, nosso colega Deputado aqui da Comissão, era o Secretário. E esse trabalho mostrou que 80% das armas apreendidas são armas de fabricação nacional. O senhor agora nos informa que 80% das armas são de fabricação estrangeira.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - É, não há uma divergência aparente, não. Têm nacionais também contrabandáveis. Estou dando um número genérico sem entrar especificamente, porque não tenho esses dados. Tentei não entrar em estatística, passar apenas a idéia da atividade de Inteligência e não entrar nesse detalhe porque a DRAE já teria trazido esses dados mais específicos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Seria possível encaminhar à Comissão um relatório desse trabalho da Inteligência que demonstrasse o rastreamento do realizado para que pudéssemos identificar o caminho que foi identificado como um...?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - Sem dúvida. Sem dúvida.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Inclusive, interessa-nos muito essa questão que o senhor falou do FAO, porque esteve aqui o General Rosalvo, que é o responsável por toda a parte de fiscalização no Exército, e nos apresentou os números de armas desviadas ou perdidas pelo Exército nesse último período. E o número de armas apresentadas foi um número bastante reduzido. Então, se tem um número significativo de armas da IMBEL que tem sido apreendido, quer dizer, alguma informação está desconectada: ou o número de armas que o Exército nos informou...

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - É, eu talvez tenha sido impreciso no tocante ao percentual. Mas o fato é que existe, sim, FAO apreendido, talvez não a proporção indicada ou o percentual exato, mas é que existem armas nacionais e armas estrangeiras também.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Perfeito. Gostaria, então, já de deixar solicitado que pudesse nos enviar...

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - Perfeito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - ... um relatório sistematizado dessas apreensões e tudo aquilo que foi apurado em termos de Inteligência sobre o rastreamento da origem e utilização dessas armas e também da munição, se for possível.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO - Perfeito.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Deputada Zulaiê, V.Exa. tem alguma pergunta? Deputado Almir?

Bom, o Deputado Moroni também não tem. Eu apenas queria pedir ao Delegado que, além dos documentos já solicitados pelo nobre Relator, V.Sa. pudesse também encaminhar os documentos referentes à investigação ou ao pedido de investigação feito ao país vizinho, Paraguai, para que possamos, pelo Parlamento Latino Americano, de alguma maneira, interceder junto àquele país, junto ao Itamaraty, para que possamos interceder no sentido das informações necessárias à investigação do fato.

Obrigada a V.Sa.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Perfeito.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Antes, por favor, Deputado Almir Moura.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Sra. Presidenta, demais colegas, é a primeira vez que participo desta reunião de Comissão, mas o assunto desta CPI muito me interessa. Por quê? Porque vivo no Rio de Janeiro, moro no Rio de Janeiro e moro numa região que é considerada de alto risco, que é a região de Bangu. Lá agora está tendo até uma guerra, pior do que a guerra do Iraque, com granadas que explodem. Para que os Srs. Deputados tenham conhecimento, de domingo até hoje foram explodidas mais de 100 granadas em Bangu. A imprensa não consegue noticiar tudo, mas foram mais de 100. Digo porque da minha casa eu ouço, eu escuto tudo isso. E me preocupa muito a maneira com que essas armas chegam até as favelas, para ter esse poderio de fogo tão grande como se tem de armas que perfuram postes. O Delegado deve ter conhecimento, ele tem esse conhecimento,



claro. Perfuram postes essas armas, grosso calibre. Desculpem, perdoem-me, que eu peguei... É que o tema é apaixonante e a gente está a fazer. Então, tenho me impressionado muito. No Rio de Janeiro, inclusive, carros blindados, hoje, deixaram de ser artigo de luxo para ser uma necessidade. Carro blindado, você tem de andar para cima e para baixo com carro blindado.

E eu gostaria de fazer uma pergunta, por curiosidade até. O cidadão comum tem medo de andar na rua com canivete. Um canivete, um punhal. Como é que... Não entendo muito o mecanismo, mas como é que se dá esse trânsito tão grande de pessoas com tantas armas de grosso calibre? Você carrega numa bolsa, na cintura... Onde é que se carrega isso? Outro dia, fui parado numa *blitz*. Aí, olhou ali, pediu para olhar o carro em que eu estava, olharam e tal. Nisso, vem atrás um carro, um Tempra branco, que parou na *blitz*. O camarada olhou assim, e o Tempra chegava a estar arriado. O cara olhou assim o policial, alguém chegou lá e falou assim: "Papa não sei o quê". Foi embora! Nunca teria deixado aquele carro ir embora, mas o cara deixou ir, paciência! Não quero entrar muito nisso porque área de segurança não é até minha área, não é minha área.

Mas fico abismado porque eu não carrego. Mas, como é que se carrega tanta arma de grosso calibre? Qual a explicação que a Polícia tem para se carregar tanta arma de grosso calibre no Rio de Janeiro? A Polícia tem alguma explicação para isso? Ela tem feito operações para coibir? Claro que a Polícia Federal, no tráfico, tem de coibir, e a Polícia do Rio de Janeiro está isenta nisso aí, porque a Polícia Federal tem feito a parte dela, e a Polícia do Rio de Janeiro tem trabalhado muito, reputo uma das melhores polícias, porque enfrentar tráfico em favelas, enfrentar essa situação toda, a não ser a Inteligência, que tem atuado bastante, sei que é muito difícil.

Outro dia, falava com o pessoal da Polícia de Minas Gerais e eu dizia: "A Polícia do Rio é melhor do que a de Minas". É considerada uma grande Polícia a de Minas, e a gente gosta dela também, mas a do Rio é melhor. Eu acho melhor porque são homens preparados para a guerra civil. Então, aqueles homens ali devem estar num estresse tremendo.

Mas a minha preocupação é: como é que a Polícia acha que se carrega tanta arma de grosso calibre assim? No Centro da cidade, no centro de Madureira, no



centro de Bangu, no centro de Campo Grande, porque o pessoal está ali, transitando com aquilo ali, e um fuzil tem pelo menos uns 60 cm, imagino eu.

Qual a explicação que tem para isso, para o trânsito disso aí?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Excelência, com certeza, a Polícia vem atuando no sentido de impedir. E fazemos diariamente várias operações, não só a Polícia Militar como a Polícia Civil. E fazemos incursões diariamente também em todas as favelas, justamente visando a apreensão dessas armas e dos traficantes, prender os traficantes. Então, a Polícia vem trabalhando nesse sentido.

A explicação é que ainda, embora eu disse isso alguns minutos atrás, o cenário vem mudando. A Polícia vem atuando. As armas não estão chegando, assim como as munições não estão chegando com tanta facilidade. Um exemplo disso é o próprio tenente coronel, que é uma pessoa que jogou a carreira dele ralo abaiixo, entrar num carro e colocar 15 mil cartuchos e vir na estrada. Quer dizer, há um certo desespero, há uma necessidade de repor, porque o que o senhor presencia, eles, os narcotraficantes brigam entre si e fazem confronto também com a Polícia. Há, então, um consumo, há um desgaste do próprio armamento.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – O senhor tem notícia de apreensão de armas, quando se tem apreensão de armas, vocês têm tido algum tipo de denúncia de que essas armas são recomercializadas com traficantes de outras favelas?

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – O senhor fala de desvio de conduta de policial?

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Exatamente isso.

O SR. RODOLFO WALDECK PENCO MONTEIRO – Há informes disso e a Corregedoria tem atuado nesse sentido.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – A Corregedoria tem atuado.

Cheguei atrasado, mas gostaria de... Ótimo, mas eu também tenho uma prerrogativinha, tenha paciência. Aproveitar o Dr. Rodolfo aqui, que é da minha cidade, para a gente entender um pouquinho o mecanismo, porque a gente... Porque eu gosto muito da Polícia do Rio, gosto e preciso entender um pouquinho o mecanismo, afinal de contas, sou Parlamentar, as pessoas me cobram, cobram-me nas ruas...



Está bom, está bom. A gente vai ficar por aqui. Mas eu gostaria sinceramente de entender esse mecanismo, porque a gente não consegue compreender. Outro dia, só vou relatar um fato ao senhor que eu presenciei e que me falaram. O cidadão estava próximo de uma favela e estava dando uma... Numa favela, uma operação policial. Conversei até com o Secretário de Polícia Civil, e ele disse o seguinte: que eles sabiam o que estava acontecendo. Ele estava torcendo: me prende, me prende, para o cara enquadrar ele, o policial enquadrar para ele poder falar. E o camarada falou assim: "*O que é que foi? O que é que você quer falar?*" Ele falou: "*Nada*". E foi embora. Quer dizer, no mínimo, é não saber atuar em área de risco. Isso eu achei um absurdo! Que o cidadão disse: "*Mas o que é que você quer falar?*" Mas, na favela, onde o cara está ali, queria ajudar a colaborar.

Quer dizer, então, são essas coisas que eu não consigo entender. Mas a gente vai aguardar porque, depois, tem mais pergunta. Mas, muito obrigado pela sua resposta.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Agradecendo ao Deputado Almir...

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – É que a Laura está querendo avançar aqui e eu, às vezes, atrapalho ela um pouquinho, ela é muito...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Não, Deputado Almir, é que nós... V.Exa. há de convir que são 5h36min, e nós ainda vamos ouvir o Tenente Coronel Walter dos Santos Paraíso. Se V.Sa. tiver alguma coisa para complementar...

Então, queremos, em nome da Comissão, em nome do Deputado Moroni Torgan, agradecer muito a sua presença e dizer que esperamos os documentos que vão ser enviados. Muito obrigada.

Peço à Assessoria que imediatamente faça entrar o Tenente-Coronel do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, Walter dos Santos Paraíso, que foi preso em flagrante com grande quantidade de armas e munição na fronteira com o Paraguai. (*Pausa.*)

Só para informação dos nossos companheiros: é um réu preso. (*Pausa.*)

Sr. Walter dos Santos Paraíso, na medida em que V.Sa. foi convidado na condição de testemunha, solicito que preste juramento conforme o art. 203 do Código de Processo Penal.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Faço sob a palavra de honra a promessa de dizer a verdade do que souber e me for perguntado.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Em conformidade com o art. 210 do Código de Processo Penal, advirto o depoente das penas cominadas ao crime de falso testemunho assim descrito no Código Penal.

"Art. 342. Fazer afirmação falsa, ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, contador, tradutor ou intérprete em processo judicial, ou administrativo, inquérito policial, ou em juízo arbitral":

Além disso, claro que o senhor não é obrigado a, na condição de réu, dizer nada que possa eventualmente ser utilizado contra o senhor no processo judicial em curso.

Com a palavra, o senhor tem 20 minutos iniciais para o senhor fazer os comentários que quiser, e depois os Deputados estão livres para as perguntas. Com a palavra o Sr. Walter dos Santos Paraíso. (Pausa.)

O senhor quer fazer uso da palavra, o senhor vai falar alguma coisa? Quer que a gente comece?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – É porque eu não tenho assunto.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Não, é simples. O senhor podia começar, por exemplo, nos explicando o que que aconteceu, se foi um erro a munição que foi encontrada com o senhor.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Tá, tá. Já está ligado?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Já está ligado, pode falar. O senhor tem 20 minutos.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – O que eu tenho a falar é que foi uma situação que não teve como ter um controle meu, porque realmente eu poderia optar de levar ou não. Por quê? É um grupo que joga bola perto de onde eu moro. Acho que todo mundo sabe. Esse rapaz que propôs o que aconteceu, ele vendia rádio de carro, ele sempre trabalhou com esse tipo de coisa, e ele me ofereceu, só para deixá-lo em Foz do Iguaçu. Na ocasião eu só questionei: *"Pô, como é que pode você me dar mil reais para te deixar só em Foz do Iguaçu e você ainda pagar despesa para mim ir lá e voltar? Por que tu não vai de ônibus?"*. Na época, ele disse para mim porque ele era muito visado e ele botava as coisas deles, os brinquedos, o



que fosse que ele trouxesse, a muamba dele, dentro de um ônibus separado, vinha em ônibus separado.

E nessa situação, eu acho que todo mundo aqui já sabe, eu... Um passeio com a namorada, e eu convidei ela, passei na casa dela, eu apanhei ele. O que eu sei dele é que ele mora em Caxias e que ele ia para lá, porque ele já foi residente lá, ele ia para lá também para ficar batendo papo, jogando bola lá com a gente. E eu, para mim não dormir, porque eu tinha um dia só de folga, e eu saí de lá na madrugada de domingo, e eu tinha um dia só de folga. Então, só podia faltar o quartel só na segunda-feira, que depois ficaria mais complicado para mim. Então, eu convidei essa pessoa, namorada, — como eu vou falar; não gostaria da palavra amante que, sei lá...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, o senhor não precisa. Só diga, ao invés de dizer namorada ou amante, o senhor diz o nome, acabou, resolveu o problema.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Aí eu passei na cada da Taís, telefonei para casa dela de manhã — era por volta de 5 e meia. Falei: “*Taís, pô, tu quer fazer um passeio comigo, só para mim não dormir?*” Ela: “*Poxa, quero, quero, sim*”. Apanhei a Taís, perto do West Shopping, em Campo Grande, e vim, peguei a Avenida Brasil e vim embora. Ele veio mostrando o caminho, ele falou que era tranquilo, que era só estradas retas, inclusive é a Castelo Branco que passava. E ele não conversava muito. E o que que ele fez? Ele me deu 650 reais e falou assim:

“Walter tu deixa isso aí com você, que é para mim saber quanto você vai gastar quando tu voltar, que aí eu te dou já dinheiro para tu voltar”. Eu falei: “Ah, tudo bem.” E todas as vezes que a gente ia... Parei para comer só em lugares bons, pô. Fui passeando, pô, namorando. E quando chegou em Foz eu parei num hotel. O hotel, eu só me lembro que o nome dele começava em Ilha. Ilha de alguma coisa. E eu estacionei o carro. Cheguei lá por volta de quatro e pouco da manhã, porque o meu pneu furou duas vezes. Eu dei uma cochilada e eu passei naquele gelo baiano, então, o pneu criou um caroço e danificou o aro, e eu tentei consertar duas vezes, e não deu certo. Botei câmera, e não deu certo. Aí que que eu fiz? Eu botei o pneu... O carro, ele tem onde guarda o pneu. É tampado, fechado, totalmente fechado, e eu botei o pneu aqui em cima, porque, para botar dentro, tem que tirar pino, botar pino, tem que acertar macaco. Era muito mais fácil eu manusear o pneu daquela forma.



Quando eu estacionei nesse hotel, eu parei o carro, era quatro e pouco da manhã e parece que faziam manobras. Aí eu falei assim: *"Oh, eu estou muito cansado, eu tenho que dormir, porque eu tenho que voltar rápido."* Porque a minha intenção de voltar era 10, 11 horas da manhã, porque eu chegaria bem mais cedo lá no Rio. Eu entrei no hotel, eu e a Taís, dormimos. Quando nós acordamos, era por volta de duas e pouco. Aí eu falei assim: *"Oh, Taís, não vamos nem comer nada aqui. Vamos embora logo, porque, pô, se não a gente vai abafar."* Por quê? Quando nós chegamos lá, ele já me deu já o dinheiro que ele tinha me prometido, que era os mil reais, por eu ter levado ele e já me deu dinheiro para voltar, 650 reais, que eu até passei para minha advogada. Falei: *"Oh, isso aqui, pô, foi o que ele deixou comigo."* E quando eu e ela entramos, eu perguntei só na portaria que eu desci... Eu falei assim: *"Eu tenho que acertar alguma coisa?"* "Não, não. O rapaz já deixou tudo pago". *"Pô, está tudo tranquilo."* O carro estava no mesmo lugar. Não saiu dali o carro com certeza. Pela quilometragem que estava, o carro não saiu dali. O carro não saiu dali. Eu não... revistei o carro. O carro... O pneu estava ali, certinho, bonitinho, porque eu não tinha mala. Eu só fui com a roupa do corpo. Eu fui com uma bermuda, uma sandália, uma camisa, porque era bater e voltar. E quando o... Nós viemos embora, normalmente, eu e ela brincando. Aí, quando chegou na rodovia, depois do pedágio, bem depois do pedágio, muito depois, já tinha andado já quase uns 100 quilômetros, de um lado parava caminhões e ônibus. Aí, eu vi montão de bolsas do lado de fora. Do outro lado, parava carros e abriam mala. Abriam tudo. Eu parei normalmente. Aí, eles pediram para mim abrir o carro. Abri. Aí, ele olhou. A minha farda estava no banco traseiro deitada. Por quê? Eu levei uma calça comprida, porque eu ia chegar, ia direto para o quartel, porque eu tenho o restante da farda lá. A parte de cima é que suja muito e com os troços da farda, custo essas coisas, então, eu trouxe só a parte de cima, para mim ir direto para o quartel. Então, estava ali no banco de trás. Eu não tinha mochila, não tinha bagagem, não tinha nada. Eles pediram para abrir a traseira. Eu, normalmente, fui lá. Abri a traseira. Eles pediram: *"Tem como a gente olhar onde guarda o pneu?"* Eu falei: *"Tem como olhar."* Tirei o pneu, botei no chão. Quando ele abriu, o impacto foi tanto para ele como foi para mim. E a primeira coisa que ele perguntou para mim foi assim: *"Isso aqui pertence à jovem?"* Eu falei assim: *"Oh, eu sou o motorista do carro. O que tiver dentro do carro, pô, eu que sou responsável."* E quando eu falei



isso, ele pediu para mim afastar do carro: “*Não, se afasta do carro*”. Ai eu me afastei do carro. A minha arma... Eu tenho uma arma pessoal, uma 380, uma pistola, registrada, com... Ai eu falei para o rapaz. Ele pegou minha arma mandou eu me afastar. Eu falei: “*Oh, calma, poxa, eu sou tenente coronel, eu sou Corpo de Bombeiro. Essa minha arma é registrada*.” Áí foi quando eu fui mostrar para ele o boletim que eu tenho do registro da minha arma, bonitinho, ali certinho, aí eles já não quiseram mais papo comigo: “*Não, não. Melhor tu ficar afastado. Melhor ficar afastado*”. Fiquei calado. Pô, até agora, este momento.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Tenente Coronel Walter, eu vou tentar só fazer umas perguntas rápidas, a não ser que o senhor queira complementar. Acho que o senhor terminou sua explanação. Está certo.

Onde foi encontrada a munição exatamente?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Quando ele abriu – não tem onde bota o pneu, ali aquele buraco? – Elas estavam todas arrumadas ali, perfeitamente arrumadas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - É. Por coincidência esse pneu o senhor tirou, porque havia furado duas vezes.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Ele ainda está furado. Ele está furado ainda. Está o defeito do pneu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E o senhor mandou consertar esse pneu em que borracheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Quando eu estava indo.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas o senhor se lembra pelo menos em que posto o senhor parou, em que altura, em que cidade, alguma coisa que desse uma pista para a Polícia poder...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Até porque eu não conheço o trajeto da cidade, essas coisas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor não conhece o trajeto?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não. Teve uma que tentei, onde botei a câmara, posto é tudo igual, um posto imenso.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Ah! mais ou menos. O senhor tem boa memória para algumas coisas e tem má memória para outras, mas vamos acompanhar sua memória.

O senhor disse para mim que o senhor se lembra bem – para nós, desculpe – quando o senhor conversou com esse rapaz. Como é o nome do rapaz mesmo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Djalma.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Com o Djalma. O senhor só sabe que ele mora em Caxias. Não sabe onde.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É. Sei que ele morava na Baixada, Caxias.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – Baixada. E sabe que ele ia lhe dar mil reais.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É. Ele chegou e falou: “*Pô, não, tu quer? Pô, eu te dou mil reais só para tu me deixar lá.*”

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, o senhor está querendo dizer os seguinte, olha só o que o senhor está dizendo: o senhor pegou o seu carro, pegou um carro...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Do Pastor Marcos, o carro emprestado do Pastor Marcos, porque eu tenho um a moto, eu tenho uma Twister prata que está enguiçada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Agora, o pastor lhe emprestou dinheiro por quê?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, dinheiro, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Carro. Desculpe.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Carro. Porque é conhecido da comunidade. Por exemplo, onde eu moro, onde eu moro...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Onde você mora?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu moro em Bangu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Onde?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Assim... é divisa Bangu e Camará.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Como é o nome da comunidade?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Estrada do Engenho.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah, já sei.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Só que na Taquaral. Retiro das Colinas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah, o senhor mora no Retiro das Colinas? Eu conheço bem. O Jorge é o síndico.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Jorge?

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Foi o síndico. Era um conjunto habitacional que tem até creche.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Isso. Eu já moro ali há uns 6 anos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E aí?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Esse pastor, quando ele ia dar culto no Brizolão, eu sempre ajudava ele, porque ele é da comunidade. Ele foi.... Eu não sei a história dele, mas ele sempre foi da comunidade.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O pastor era da comunidade.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É. O Pastor Marcos.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Aí o senhor pediu ao Pastor Marcos. Olhe bem o que o senhor quer que a gente entenda como crível. O senhor pediu carro emprestado ao pastor Marcos para levar o Djalma por mil reais...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não. Ele não sabia o que eu ia fazer. O Pastor Marcos não sabia.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, não estou falando do pastor, estou falando do senhor. Aí o senhor pediu ao pastor o carro emprestado para viajar até o Paraguai. Não é isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Foz do Iguaçu.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Sim. Está bom. Até a fronteira com o Paraguai, até Foz do Iguaçu, saindo do Rio de Janeiro. Que dia da semana?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Foi num domingo, tipo 5h30min.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Às 5h30min de um domingo.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Isso. Pelos cálculos eu chegaria em Foz do Iguaçu... Dá 16 horas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, o senhor ia viajar, olha bem, saía às 5h30min para chegar lá às 16 horas para no dia seguinte estar de volta. Não é isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu tinha que estar no quartel terça-feira.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – O senhor disse em determinado momento...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu tinha que estar no quartel terça-feira.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, o senhor tinha pressa, ou não?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não poderia faltar terça-feira, senão ia me complicar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Então, está certo. Mas aí o senhor fez essa viagem toda por mil reais?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Mil reais e um passeio com a namorada.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) – E o senhor não conhecia... Um passeio com a namorada e ao mesmo tempo o senhor não conhecia a estrada.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - A estrada em si, não.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas o senhor, mesmo sem conhecer a estrada, topou ir até Foz do Iguaçu de carro.

Mas, enfim, só uma coisa ...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhora.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Depois quero passar para Relator, depois, volto a perguntar como autora do requerimento, mas há duas palavras que não consigo entender. Quando o senhor estava falando, o senhor disse assim: o senhor começou contando que estava passeando com a namorada, tal e tal, até chegar a Foz. Depois que o senhor passeou até chegar a Foz, o senhor tinha uma pressa enorme para voltar. Ora, ou tinha pressa ou não tinha pressa. Não dá



para a gente passear na ida e ter pressa na volta. Ou o você vai... Desculpe, deixa só eu terminar a pergunta.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Desculpe.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu quero entender. Como é que você estava passeando tranqüilamente na ida e com uma pressa exorbitante na volta, o que lhe fez se assustar, tentar dar uma carteirada, essas coisas que são naturais quando a Polícia tenta prender?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Olha só, eu vou repetir para a senhora. Vou repetir para a senhora. Quando eu falei que estava passeando, quando fui convida a Taís para vir comigo, foi para eu não dormir no volante.

O passeio que a gente fala é o trajeto. Em nenhum momento eu falei que eu estava com pressa. Eu tinha um horário...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah, o senhor desculpe.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu tinha um horário.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Eu anotei, tenho a mania. Entre aspas: "*Eu precisava voltar rápido*".

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu tinha horário para voltar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Voltar rápido, para mim, é quando a gente está com pressa.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu tinha um horário para voltar. Então, eu tinha de domingo a segunda para fazer a viagem. Eu tinha 48 horas.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Vamos às horas. A que horas você chegou a Foz?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Era para mim chegar por volta de 1 hora, 2 horas da manhã. Por causa dos pneus, eu cheguei às 4h30min.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Da manhã?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Da manhã.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ou seja, o senhor saiu no domingo, às 5h30min da manhã?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Isso.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E chegou lá às 4 horas da manhã do dia seguinte?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Às 4h50min de segunda.



A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E o senhor dormiu onde?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O hotel, eu pedi...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O tal Ilha, cujo nome você não lembra.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É, Ilha. Eu pedi para minha prima ver isso aí.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Mas o senhor sabe na estrada pelo menos qual é a cidade?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu pegando a estrada principal...

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Não, não. Mas o senhor dormiu em Foz?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Dormi em Foz.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah, esse tempo, essas 24 horas você ficou no carro passeando. É isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É. Isso com o furo do pneu. Isso. Eu parei duas vezes.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - O senhor saiu às 5 horas da manhã, chegou às 5 horas da manhã, são 24 horas.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu peguei a Taís em casa eram 6h30min, 6h45min.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Bom, 22 horas. O senhor passou na estrada passeando com a Taís. Está bom. Aí, o senhor foi direto para o hotel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Direto para o hotel.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Às 5h30min da manhã de segunda.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Às 4h30min, por aí, de segunda.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - De segunda. Vamos lá. Só para o Relator já saber onde o senhor está.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - A minha intenção era sair às 10 horas da manhã de segunda de lá.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Que diabo de passeio é esse, pelo amor de Deus. Chega às 5h30min, às 10 horas já vai embora.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Explicar passeio fica difícil.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Ah, fica. É, eu também estou achando que está ficando. Mas vamos lá. Aí, o senhor pensou em terminar o passeio às 10 horas, mas não terminou.

O que aconteceu, então? Só os horários para gente.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu acordei por volta de 3 horas, 3h15min. Foi o tempo de me arrumar, tomar banho, pegar o carro e pegar a estrada. Eu ia comer na estrada e ia comprar o pneu na estrada, se eu conseguisse.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - E aí o senhor, que horas foi a apreensão?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não sei informar.

A SRA. PRESIDENTA (Deputada Laura Carneiro) - Está bom.

Agora, passo a palavra ao Relator-Geral. Depois eu volto.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Sr. Walter, o senhor costuma fazer esse tipo de bico, levar pessoas para fazer compras em outros Estado a troco de dinheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Primeira vez.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Porque convenhamos, coronel. Coronel oficial graduado pelo Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, conhece um cara no futebol, que não sabe o nome.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Djalma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Djalma. Djalma do quê?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Djalma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Djalma. Sabe o endereço?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não. Só a localidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não sabe o endereço, não sabe o nome, não sabe o endereço. Aí o Djalma e diz para o coronel: “*Coronel, quer ganhar mil reais para me levar para o Paraguai?*” Aí o coronel diz: “*Quero. Vou pegar o carro emprestado com o pastor e vou te levar ao Paraguai*”.

O senhor acha razoável essa história, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Quando ele... Ele não foi a primeira vez jogar bola. Ele já freqüentava a comunidade. Inclusive no Natal, eu comprei brinquedo com ele.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor estava mal de dinheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Hã?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor estava mal de dinheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Mal de que situação?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Estava precisando de dinheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não. Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Não estava precisando de dinheiro?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Para que, então, ia para o Paraguai buscar muamba? O senhor não sabe que é proibido trazer muamba do Paraguai?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Paraguai, Foz do Iguaçu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que ele estava indo comprar coisa em Foz do Iguaçu, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Para mim, era muamba.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que é razoável um coronel ir levar uma pessoa, buscar muamba no Paraguai com carro emprestado do pastor?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Em nenhum momento foi tratado de coronel. Era um amigo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Mas o senhor sabe que o senhor é coronel.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor acha que é razoável que um Coronel do Corpo de Bombeiros saia do Rio de Janeiro com uma pessoa que não sabe quem é, com um carro emprestado do pastor para buscar muamba no Paraguai? O senhor acha razoável isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Fez isso só por parceria de futebol?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Por que o senhor fez isso então?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Vou responder. Eu fiz para dar um passeio com a namorada.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Mas não era melhor passear na praia, passear na Região dos Lagos? Aí o senhor vai para Foz do Iguaçu buscar muamba, para passear com a namorada de 18 anos?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Excelência, eu não fui buscar muamba, eu fui deixar ele.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Aí o senhor deixou ele onde?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – A última vez que eu tive contato com ele foi quando eu estacionei o carro no hotel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Aí o senhor estacionou o carro no hotel e nunca mais viu a figura?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não, porque aconteceu o que aconteceu.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Chegou lá de madrugada, num hotel que o senhor não sabe o nome...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Quatro e pouco da manhã.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Parou no hotel: Tchau, Djalma, até logo. Até logo. Não viu mais ele?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não, ele me deu o dinheiro que gastei para ir e meu deu meus mil reais.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor não saiu do hotel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Eu li aqui no material que foi apreendido nas suas coisas, tinha uns papéis, uma folha de papel com a inscrição: *precio puesto*. Anotações manuscritas de quantidades e descrições de preço de munição e de calibres. Essa folha de papel estava nas suas coisas. Que folha de papel é essa?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Quando eu fui para a custódia, aí... quando eu fui para ali embaixo, ali na delegacia, as minhas coisas estavam dentro do carro, a carteira pessoal e as minhas coisas, fardas, essas coisas todas, e eles me mostraram que estava dentro das minhas coisas o papel com quantidade de munição e quantidade de munições que estariam dentro do carro, e falaram que estava dentro do carro, dentro das minhas coisas pessoais. Fiquei quieto.



O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Sim, esse papel é seu? A letra é sua?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não, senhor, nem sei... papel.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Então, além de ter aparecido a munição, apareceu também nas suas coisas um papel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Mostraram um papel, realmente, mostraram um papel com... É tipo quantitativo e, como é que se fala, calibre. Calibre, quantitativo e tipo no carbono, escrito no carbono. Falou que estava nas minhas coisas pessoais, íntimas. Fiquei quieto, fiquei calado. Perguntaram se... Falei: “*Se está falando que está nas minhas coisas, está nas minhas coisas.*” Porque todos os papéis da viagem..., porque fui pagando os pedágios, eu fui guardando, até para, sei lá, história para contar depois, por onde nós passeamos. Em todos...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor nunca tinha ido ao Paraguai? O senhor nunca tinha ido a Foz do Iguaçu?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Foz do Iguaçu, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Não conheceu o Paraguai?

Esse papel que foi apreendido, escrito *precio puesto*, com anotações manuscritas de quantidades e descrições de preço de munições e de calibre estava na sua carteira, dentro da sua carteira.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Isso eu não sei informar.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Como o senhor não sabe informar? Estava dentro da sua carteira.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – A carteira está dentro do carro. Quando veio para poder me dar as minhas coisas, ficaram com a minha identidade funcional, ficaram com a minha arma, ficaram com meus 2 celulares e um Nextel, e falaram que encontraram dentro da minha carteira.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Eu vou lhe falar uma coisa, coronel.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor é um oficial do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, uma pessoa que tem uma carreira, tem toda uma história. Esta Comissão aqui é uma oportunidade para o senhor, coronel.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – É uma oportunidade para o senhor.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Nós estamos aqui para investigar o tráfico de armas, para entender as conexões, para saber como é que a arma e a munição é vendida no Paraguai, como é que ela entra para dentro do Brasil.

Eu vou lhe falar bem, não tenho nada contra o senhor, nem o conheço, ninguém aqui o conhece. Agora, o senhor vir aqui nos contar essa história, coronel, sinceramente, o senhor vir aqui nos aplicar esse conto é no mínimo o senhor debochar da nossa inteligência, coronel.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Faça isso não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor está debochando da nossa inteligência.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Faça isso não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor quer falar conosco numa reunião reservada, para o senhor nos contar a verdade, coronel?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – O senhor procurou saber a minha vida pregressa, a minha vida militar? Procurou ver a minha vida?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – É exatamente por isso que eu quero lhe ajudar. Mas agora o senhor acha que o senhor vai ter a nossa ajuda nos contando essa história, Coronel, que o senhor levou uma pessoa para o Paraguai que o senhor conheceu no futebol, que o senhor pegou um carro emprestado com o pastor, que lhe ofereceu uma grana para o senhor buscar muamba ou levar ele para buscar muamba? (*O depoente está chorando.*)

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – O senhor quer nos aplicar essa história, Coronel? Nós estamos lhe dando uma oportunidade. Se o senhor ajudar esta CPI, dizer-nos de quem essa munição foi comprada, para quem que essa munição se destinava. Um oficial que tem responsabilidade com a segurança. O senhor está protegendo quem, Coronel? Para quem é que era essa munição, Coronel?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Falar um troço que eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Coronel, eu acho que o Relator está dando um caminho para o senhor.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Eu sei, eu sei.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Compreendeu? O senhor pode ter uma Comissão Parlamentar de Inquérito que vai batalhar pelo senhor em tudo, inclusive lá no seu cargo e tudo o mais, ou vai ter uma Comissão Parlamentar de Inquérito que vai ser contra o senhor em tudo. Então, essa é a medida.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Ai! Eu sei disso.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – O Relator colocou uma possibilidade que eu acho interessante. O senhor quer falar reservadamente com a Comissão? Aí só fala com os Deputados. Porque não adianta...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Seria um deboche? Se eu tentar falar em particular, falar o que em particular?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Eu acho, Coronel, sinceramente, que o senhor tem a noção da fria que o senhor se meteu.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Eu sei, eu sei.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor sabe, como eu, que o senhor se meteu numa fria.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Eu sei que eu perdi minha família.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Então... O que ocorre, Coronel, é que nessa situação que o senhor está o senhor pode ou ir para uma situação pior ou começar a reencontrar um caminho. Então, se o senhor se dispuser a nos ajudar, isso vai inclusive contar a seu favor, Coronel.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Caraca, meu. (*Fora do microfone.*)

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Eu, sinceramente, acho que uma pessoa como o senhor, com a sua trajetória, com a sua carreira, só pode ter feito isso por conta de uma necessidade. O senhor estava sendo chantageado por alguém?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não, não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor estava sendo pressionado por alguém?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor devia um favor para alguém?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não. Não tenho dívida, não tenho dívida, não tenho dívida nenhuma tipo pendente, não tenho dívida pendente. Apesar de ganhar 2 mil e 200 reais, eu não tenho dívida nenhuma pendente na minha. Eu tenho uma moto, que estou pagando um consórcio; e tenho um carro que está no meu nome, que já me desfiz dele há 2 anos, já passei até para a consorciada, que eu passei para um terceiro sargento do Exército e que está pagando esse carro, porque eu preferi pagar a moto. Eu não tinha dívida nenhuma.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Essa namorada do senhor é sua namorada faz tempo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Já conheço ela há quase 2 anos.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O senhor sabe que tem cartas dela para o senhor que complicam ainda mais sua situação. O senhor sabe disso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Ela explicou qual foi o tipo da carta. A mãe dela explicou qual foi o tipo da carta. A mãe dela explicou.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O que ela quer dizer nessa carta, quando ela diz que depois que o senhor se enfiou na favela o senhor mudou bastante?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – A doutora que estava aqui... se ela conhece onde eu moro, eu descia na Estrada do Engenho, o condomínio fica logo ali em frente. O meu pai mora na Oliveira Paiva, no meio da Taquaral. Meu pai mora em frente à Ferradura, onde morou o Coronel Olavo Iola...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – É uma área de classe média baixa, mas não é uma favela.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Ali não é favela, ali é comunidade.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Perfeito, mas ela está dizendo o que na carta? Que o senhor, depois que se enfiou na favela, mudou, mudou o relacionamento.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Ela não está dizendo que o senhor foi para a casa do seu pai.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Ela não está falando em tom pejorativo, ela está dando a entender que o senhor se meteu em alguma coisa ilícita, estranha.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Se ela escreveu isso, melhor do que ela para falar o que é.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Ela vai falar também.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Sinceramente, o que a mãe dela falou pra mim — e que estava na carta — é que eu tinha agredido ela. E, na verdade, depois ela viu que a Thaís é que tinha me agredido.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Coronel, eu vou lhe falar uma coisa: não estou interessado na sua briga com a sua namorada, se ela o agrediu ou se o senhor a agrediu.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Desculpe-me.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Até porque, se o senhor agrediu uma menina de 16 anos, já é demais para aturarmos aqui.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Espera aí. Quantos anos? A Thaís tinha 16 anos?

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Tem 18. Mas ele está com ela desde que ela tinha 16.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Tem um ano e pouco que eu a conheço.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Agora, quero dizer o seguinte: a minha expectativa era que o senhor chegasse aqui hoje, como um coronel que o senhor é, com a sua trajetória, para nos ajudar e para dizer o seguinte: olha, eu errei, é verdade. Um coronel nunca podia ser metido nisso. Agora, vou ajudar vocês para que outros não façam a mesma coisa. Essas balas são balas que vão matar os meus colegas. Isso é bala para ir para mão de bandido, para matar policial. O senhor estava carregando bala para matar policial. Para nos dizer onde é que o senhor comprou essa bala e para quem iria entregar no Rio de Janeiro. Agora, o senhor vem aqui para nos contar uma história de que foi passear com a namorada em um carro emprestado de um Pastor, do Djalma, que o senhor conheceu no futebol, mas que o senhor não sabe nem quem é. E o senhor quer que acreditemos, coronel? Sinceramente, o senhor quer que alguém aqui acredite na sua história? Coronel, o que o senhor ia fazer se alguém que o senhor interrogasse lhe contasse uma história como essa que o senhor nos contou?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - A mesma coisa que o senhor está fazendo.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – Nós vamos atrás do seu telefone, nós vamos atrás da sua conta bancária, nós vamos destrinçar tudo que o senhor nos disse aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Esses três telefones, o senhor ligou para quem? Esses três celulares?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, são dois celulares e um Nextel. Um celular é funcional do quartel, um é meu, e o Nextel é meu. Porque eu...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – E para quem que o senhor ligou durante esse período. Vamos dizer, uma semana antes de o senhor ser preso até o dia de ser preso para quem que o senhor ligou? Porque nós vamos pedir isso.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu sei, eu liguei para vários amigos, assim, normais de quartel, o coronel...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – O telefone do Djalma, o senhor tem?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, não senhor. Ele não tinha telefone.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Em Foz do Iguaçu, para quem que o senhor ligou?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Em Foz do Iguaçu, quando aconteceu o ocorrido, eu liguei para o quartel de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Não, eu quero saber antes do ocorrido.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Antes do ocorrido?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Porque vai aparecer tudo isso.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, eu sei. Antes do ocorrido...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Não adianta, eu estou com os números aqui, estou com o celular, tudo direitinho.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Antes do ocorrido, não me lembro de ter ligado para ninguém durante a viagem.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – E antes da viagem?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Antes da viagem, eu uso normalmente o telefone, normal.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA – E alguém ligou para o senhor?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Normalmente também, quartel...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E o Djalma ligou para o senhor nesse tempo?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E como é que o senhor encontrou com ele? O senhor marcou às 5 horas da manhã e não avisou: estou chegando. Nada?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu marquei com ele. Se a senhora conhece o local, quando se sai da Taquaral, na Estrada do Engenho, naquele ponto ali, o primeiro ponto da Estrada do Engenho foi onde eu apanhei ele. Aí, peguei a Avenida Brasil e fui para o Shopping Oeste.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas o senhor antes combinou com ele: “*Djalma, às 5 horas da manhã a gente se encontra na esquina da Taquaral com o Engenho*”. Ou não?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Foi de boca, conversando com ele.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Ah, então foi assim, tudo rápido, decisão automática.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Como então? Como é que o senhor combinou a situação.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O que a senhora realmente me perguntou?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Eu quero saber tudo. Eu quero saber isso.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - A senhora quer saber como é que eu marquei com ele ali?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – O senhor falou para o Deputado Moroni que o senhor não usou telefone para falar com o Djalma.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não.



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não. Foi tudo de boca. Eu quero entender quando foi que vocês combinaram de se encontrar às 5 horas da manhã?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Uma semana antes, já vinha já fazendo o projeto já. E eu, quando estava na... eu falei para ele: se você quiser ir, por que a gente não vai na sexta-feira, porque eu tenho o final de semana todo e tenho a segunda? Aí ele falou: “*Não, porque eu tenho que ver algumas coisas*”. Eu falei assim: qual o dia então que você acha que deve ir, cara? Aí ele falou assim: “*Domingo não dá não?*” Aí eu falei: se eu for viajar domingo, são 16 horas para ir e 16 horas para voltar, 32 horas. Tenho 48 horas. Tenho que chegar no quartel na terça-feira. Só se a gente partir domingo bem cedo. Eu te apanho bem cedo então.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Aí foi a hora que o senhor combinou, cinco horas da manhã?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Foi a hora combinada.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Uma semana antes?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Uma semana antes.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Durante essa semana, o senhor não falou com o Djalma nenhuma vez para confirmar? Se o Djalma tivesse um problema na família, o senhor ia ficar às 5 horas da manhã parado lá, esperando, com namorada.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Moro do lado. Não, eu não tinha combinado nada com ela. Ela foi pega de surpresa.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – O senhor mora do lado de quem?
Do Djalma?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, de onde foi marcado o encontro com ele. Se a senhora falou que conhece onde termina a Taquaral, a Estrada do Engenho, é logo na esquina.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Eu sei que o senhor mora perto, mas o senhor ia acordar às 4. Sr. Walter, isso tem que ter um mínimo de coerência. Até se a gente quiser contar uma história, tem que ter coerência. Imagine o seguinte: eu estou tentando me convencer de que o senhor marcou uma semana antes com um sujeito que o senhor conheceu no futebol para encontrá-lo uma semana depois, às 5 horas da manhã, em plena Zona Oeste, entre a Engenho e a Taquaral. Olha só! Eu vou dizer para o senhor que lá onde o senhor mora não é nada muito perigoso?!



O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Engenho e Taquaral é o quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – É uma região mais pobre ainda do que a Estrada do Engenho e aí, vamos dizer, é a divisa. Onde o pai dele mora, como diz o Deputado Almir, é uma área, vamos dizer, mais carente do que a área onde ele mora.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Fica do lado dessa Engenho, a Taquaral.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – É esquina.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Encontram-se em uma esquina. Bom, mas aí, olha só do que o senhor quer me convencer: que o senhor ia ficar às 5 horas da manhã, depois de uma semana... quer dizer, se o sujeito tivesse uma dor de barriga, se ele resolvesse terminar com a mulher, se ele levasse um tiro na cidade do Rio de Janeiro — que é tão fácil levar, não é, morando na Zona Oeste, especialmente...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não tinha combinado nada para levar ninguém, assim tipo namorada, essas coisas.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, esquece a namorada.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Se eu chegasse ali na Taquaral, no horário combinado, às 5 horas, e ele não tivesse, eu voltava para casa.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – O senhor, para pegar ele, saiu da Taquaral ou saiu da Engenho?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Saí da Taquaral, porque eu moro na Taquaral.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Mas o senhor não disse que morava na Engenho? Então, o senhor mora naqueles apartamentos da Taquaral? Aqueles primeiros prédios ali na Taquaral?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Isso, no Bloco 7, Quadra 1.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Então, não é na Engenho, é na Taquaral que você mora?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu marquei com ele... mas foi isso que eu falei...



A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Ele falou que era em um condomínio na Estrada do Taquaral, no Engenho. Não, ele falou o endereço certo, Estrada do Taquaral, no Engenho.

Não, Walter, estou só lembrando o endereço; não é nenhum problema. Ele está tentando entender.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Eu quero entender. A gente aqui só está tentando entender.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não estou querendo esconder nada, estou querendo ajudar.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Que bom.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – A gente também está querendo, mas a gente está querendo entender também, porque é nosso trabalho entender, como o do senhor é apagar fogo e fazer um monte de coisa, o nosso é esse aqui. É o nosso trabalho. Eu estou querendo entender porque, quando o senhor falou, na minha mente estava aquele condomínio da ECIA, que tem lá embaixo, perto da Augusto Figueiredo. Eu entendo. Deixa eu só concluir. Mas na Taquaral já é entrada, que tem na situação, em frente, realmente aquela favela, aquele conjunto habitacional. Eu conheço bem ali, eu conheço bem ali aquela região. E o seu pai mora perto da Ferradura, que já sai perto da Escola Sampaio Corrêa, perto da Estação Oliveira Paes — conheço bem ali também —, onde tinha um galinheiro, tinha aquela coisa toda. O senhor, antes de morar ali no Parque da Colina, o senhor morava aonde?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Antes de morar ali, acho que eu morei no interior. Ah, eu trabalhava em Cabo Frio...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – O senhor acha que antes de morar no Parque da Colina morou no interior? O senhor acha!?... O senhor não sabe onde o senhor morou?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Estou falando para a senhora.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Então, o senhor não acha, o senhor morou?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, eu tenho certeza. Eu trabalhei, antes de vir para o Rio, eu trabalhei no CBA Litorânea, em Cabo Frio, e morava em Iguaba.



O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – E o seu pai mora há muitos anos ali na...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Fui criado praticamente ali.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Então, você foi criado lá.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Desde pequeno.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas mora no Parque da Colina, que é aquele condomínio novo. Novo, tem uns 10 anos. Mais.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Eu sei, eu conheço.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É, ele começou a fazer em 1994. Em 1994 ele começou a ser feito.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Ele ficou pronto. Ajudei na regularização, por isso que eu conheço bem.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É, eu não peguei a primeira lotação dele, o primeiro lote dele, porque, depois, o pessoal também não entregou mais, porque ficou pela Caixa Econômica. Então, eu moro de aluguel.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – É bonito o condomínio, tem quadra de esporte, é bem bonito o condomínio.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Então, o senhor foi criado lá na Oliveira Paiva.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Oliveira Paiva. Isso.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Então, o senhor conhece bem aquela região, Rua A, Rua C?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Conheço.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Coréia?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Conheço a Coréia.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Conhece bem ali?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Conheço, eu brincava ali.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Então, o senhor tem consciência também que o tráfico da Coréia tomou aquele setor ali onde o senhor estava, onde o senhor mora ali.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O que estava... pelo que eu vi no jornal, a Coréia tomou o sapo, tomou a Vila Aliança, que parece...



O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Que é ali onde o senhor mora, aquele pedaço ali, perto da Boca do Mato ali?:

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, eu não moro perto da Boca do Mato.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, ele não mora ali.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Tem um morro que estou dizendo, tem o Brizolão, 300 metros.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu moro em frente ao Brizolão. A Boca do Mato fica bem mais abaixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mais abaixo.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – Conheço bem: 300 metros, 500 metros no máximo dali à Boca do Mato, que entra no valão ali do rio, não é isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O valão é bem lá embaixo.

O SR. DEPUTADO ALMIR MOURA – 500 metros. Contando em passos, 500 passos. Estou só lhe perguntando para entender.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – Não sei. Mas é bem mais abaixo. Porque a Boca do Mato, se o senhor conhece bem, não fica perto do valão. A Boca do Mato fica depois do Barra Araújo, logo depois vem a Boca do Mato

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas a Barra Araújo ainda é bem mais para abaixo.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - É bem mais abaixo.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas eu não estou preocupada... Eu só quero voltar: o senhor, às 5h da manhã, estaria esperando o Djalma..

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Marquei 5 horas da manhã.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E essa semana o senhor não falou com o Djalma?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, porque eu faço faculdade. Eu chego no quartel por volta de — isso é fácil ver lá na portaria — eu chego no quartel tipo 6h40. E eu pego na faculdade, eu estudo na Estácio do Oeste Shopping. E eu pego às 19h, de 19h às 23h.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E o senhor faz o quê. Faz Direito?



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu comecei a fazer Direito. Eu peguei uma turma *kamikaze*, porque eu ia começar a estudar em março, mas como o Coronel Bragança assumiu a DIGAL há pouco tempo, ele pediu que eu desse uma bola a ele, que ficasse mais tempo. E a gente saía muito tarde lá do quartel. E como as coisas já tinham melhorado, já tinham já acertado os processos de especificação, eu dei mais uma cantada nele: Deixa eu fazer uma faculdade agora de novo". Ele falou: "*Pô, tudo bem. Mas que hora vai ser a faculdade?*" Eu falei que ia ser à noite. E ele me liberou para fazer essa turma *kamikaze*, que não ia ter férias. Começou agora...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, sem problema. O senhor faz a sua faculdade. Isso não é problema para nós, não. Ao contrário, isso deveria incentivá-lo, de alguma maneira, a nos ajudar.

Mas, então, o senhor já com o Djalma no carro é que o senhor foi buscar a sua namorada?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO – É, eu peguei o Djalma exatamente.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E o Djalma achou isso natural, normal?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O quê?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – O senhor, afinal de contas, estava em serviço?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, em serviço, não.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, em serviço, sim. O senhor não estava em serviço para a sua corporação, mas o senhor estava recebendo...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Em serviço, não. Até porque...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Só um minutinho, tenente. Só explicar para o senhor o seguinte.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhora. Desculpe.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – O senhor não estava em serviço para a sua corporação, mas o senhor estava em serviço, porque era um contrato de serviço. Se ia receber 1 mil reais por esse trabalho, era trabalhar sim. O senhor ia receber 1 mil reais, então, estava a serviço daquele serviço. Não era da sua corporação, mas era a serviço.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu posso responder agora?

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Pode. A não ser que o senhor não estivesse a serviço.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não considero serviço, porque eu tinha direito de falar “sim” ou “não”. E se no meio do caminho eu quisesse falar não estou agüentando, estou cansando, vou voltar; eu ia voltar, porque eu não tinha obrigação nenhuma de levar e ela a Foz de Iguaçu. Por isso que eu não considero serviço.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas pense bem: se o senhor contratou — na verdade, isso é um contrato; é tácito, mas é contrato — com ele apanhá-lo às 5h da manhã no caminho e, de repente, o senhor levou a namorada junto... não é isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, não tinha contrato. Não tem contrato.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não, o contrato é tácito.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O que eu considero contrato é o seguinte...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Não precisa dizer o que o senhor considera... Deixe. Esquece. Deixe para lá.

O senhor poderia dar o número do celular marca Motorola, prata, e o número do celular Kyocera? Kyocera... nunca ouvi falar isso na vida.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Kyocera é do quartel. Eu não sei ele de cabeça. O meu Nokia é 9951-5966. E o Nextel eu só usava o rádio.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Mas qual é o número, o senhor sabe?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu não sei de cabeça.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Qual é o ID, então?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O ID era...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Do Motorola?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Era 227...675 no final.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Como é? Não entendi nada.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Era 228...

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Eram 32 asteriscos...



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não, eram 32 asteriscos 22875.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Eram 32 asteriscos 22875? Esse é o do Motorola.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Esse é o do Nextel.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – Então, do Motorola...

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Motorola.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E o Nokia? O número do Motorola você já deu.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - O Nokia é 9951-5966.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E esse Kyocera?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Esse Kyocera é funcional. Eu, sinceramente, de cabeça eu não sei.

A SRA. DEPUTADA LAURA CARNEIRO – E o senhor costumava a usar...

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Deixa eu fazer 2 questões.

Paraíso, a moça, Thaís, em nenhum momento, ela fala, durante todo o depoimento dela, que qualquer outra pessoa tivesse viajado com vocês. Ela sustenta que todas as despesas foram pagas por ti e que não existe Djalma, não existe nada. Saberia me explicar porque isso?

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Não sei explicar não, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - Eu prometo que vou lhe fazer uma última pergunta.

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - E vai ser a oportunidade, como Relator, que vou lhe dar:

O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Sim, senhor.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - O senhor está disposto a falar a verdade para nós aqui e nos dizer para quem que o senhor foi comprar essa munição ou o senhor vai continuar nos contando essa história? Se o senhor vai continuar, não vou nem perguntar mais nada. Só me diga uma coisa: é a oportunidade que o senhor tem de nos dizer aqui para quem que o senhor foi fazer esse trabalho. Quem é que lhe pagou para ir buscar essa munição e para quem o senhor ia entregar a munição. Eu sei que tem gente por trás disso, eu tenho informações. Estou lhe dando a oportunidade de falar a verdade.



O SR. WALTER DOS SANTOS PARAÍSO - Eu agradeço ao senhor pela oportunidade, mas eu não tenho como falar o que o senhor está querendo que eu fale.

O SR. DEPUTADO PAULO PIMENTA - De minha parte, não há mais nada a perguntar para o Coronel.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Moroni Torgan) – Deputado Carlos Sampaio.

O SR. DEPUTADO CARLOS SAMPAIO – Sr. Presidente, demais Deputados, Tenente-Coronel Walter, eu queria, primeiramente, dizer ao senhor que inúmeras são as famílias que perderam seus filhos com armas traficadas, vítimas de homicídio por armas traficadas. O choro dessas famílias me comove; o seu não. Eu quero fazer esse registro porque eu acho que, se o senhor falasse um pouco mais e chorasse um pouco menos, o senhor iria ajudar a si mesmo, a esta Comissão e também à sua família, que sofreu repercussão direta do seu assunto. A minha formação é como Promotor de Justiça, sou Promotor de Justiça há 18 anos. Eu nunca ouvi uma história que fizesse tão mal aos ouvidos como a sua. Nunca, na minha vida, eu ouvi uma história assim. O Relator, com toda razão, se avulta, com toda a razão se afronta, porque a impressão que o senhor dá é que o senhor está falando aqui com crianças de menos de 5 anos, porque uma criança com mais de 5 anos acharia possível a sua história do tal Djalma, até porque, ao que me consta, tenente-coronel não faz bico de taxista. A sua conversa é uma conversa que faz mal aos ouvidos de qualquer pessoa. A oportunidade que o Relator lhe deu, talvez o senhor não tenha a dimensão, é a oportunidade de numa sessão reservada dizer o que de fato aconteceu, porque o senhor sabe que vai ser condenado. E aqui falo não por antecipar um julgamento, porque não há Promotor, não há Juiz, não há advogado que defenda essa tese. Nem o seu advogado deve estar convencido de que ele deva dizer isso. Talvez foi o melhor caminho que ele encontrou para buscar criar uma história absurda, mas nem ele acredita nisso, porque, se for uma pessoa minimamente de bom senso, evidentemente não acredita nisso. A oportunidade que se está lhe dando é a de o senhor ter uma CPI que vai auxiliá-lo em todos os sentidos. Isso pode implicar redução de pena, isso pode implicar benefícios processuais, benefícios procedimentais, pode, inclusive, implicar a retomada do seu convívio com a sua família, porque de um desserviço que o senhor prestou o senhor pode vir a prestar um serviço mais importante e muito mais relevante para o País do



que esse desserviço que o senhor prestou. Estou fazendo todas essas colocações como cidadão, como Promotor de Justiça há 18 anos, como Deputado Federal, porque nunca ouvi uma história tão mal contada na minha vida. E essa sua namorada ainda afirmar que “*o senhor mudou depois que foi para a favela*” e dizer que o senhor fez a viagem sozinho e pagou todas as despesas.